



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

CAMA DE GATO: a rede de criação de Mia Couto

LA CAMA DEL GATO: la red de creación de Mia Couto

CAT'S CRADLE: Mia Couto's creative network

Guilherme Villas Bôas Francini

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
gvbfrancini@gmail.com

Diana Navas

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
diana.navas@hotmail.com

Resumo: Mia Couto, renomado escritor moçambicano, imprime em seus romances um estilo marcado pela profunda conexão com suas origens, com a música e com a poesia. Esses vínculos resultam em contribuições valiosas para a literatura de língua portuguesa. Este texto analisa, sob a ótica da crítica de processo (SALLES, 2006), como os mesmos procedimentos criativos se fazem presentes quando Couto decide se aventurar na literatura infantil, especificamente em “O gato e o escuro”, obra ilustrada por Danuta Wojciechowska e publicada em 2001 pela Editorial Caminho. Inicialmente e de forma breve, buscamos apresentar em que consiste a crítica de processo e, a partir dela, identificar os “nós” da rede de criação de Mia Couto. Posteriormente, a partir da leitura da obra selecionada, explicitamos como nela tais “nós” se evidenciam em termos verbais e visuais. Observa-se que, construído com maestria e profundidade, o livro demonstra como uma boa obra literária transcende supostas barreiras etárias e enriquece o repertório de qualquer leitor. Além disso, prova que é possível abordar temas complexos de forma acessível para o público infantil, estabelecendo um diálogo precioso com as crianças enquanto também ressoa nos adultos.

Palavras-chave: Literatura infantil. Crítica de processo. Processo criativo.

Resumen: Mia Couto, reconocido escritor mozambiqueño, impregna sus novelas de un estilo marcado por una profunda conexión con sus 2reative, com la música y la poesía. Estos enlaces resultan en valiosas contribuciones a la literatura en lengua portuguesa. Este texto analiza, desde la perspectiva de la crítica de procesos (SALLES, 2006), cómo los mismos procedimientos creativos están presentes cuando Couto decide incursionar en la literatura infantil, específicamente en “O gato e o escuro”, obra ilustrada por Danuta Wojciechowska y publicada en 2001 por la Editorial Camino. Inicialmente buscamos presentar brevemente en qué consiste la crítica de procesos y, a partir de ahí, identificar los “nodos” en la red de creación de Mia Couto. Posteriormente, a partir de la lectura de la obra seleccionada, explicamos cómo dichos “nodos” se evidencian en ella en términos verbales y visuales. Se observa que, construido con maestría y profundidad, el libro demuestra cómo una buena obra literaria trasciende supuestas barreras de edad y enriquece el repertorio de cualquier lector. Además, evidencia cómo una obra puede abordar temas complejos de forma accesible para el público infantil, estableciendo un diálogo profundo con los niños mientras también resuena con los adultos.

Palabras clave: Literatura infantil. Crítica del proceso. Proceso creativo.

Abstract: Mia Couto, renowned Mozambican writer, imprints in his novels a style marked by a deep connection with his origins, with music and poetry. These links result in valuable contributions to Portuguese-language literature. This text analyzes, from the perspective of process criticism (SALLES, 2006), how the same creative procedures are present when Couto decides to venture into children's literature, specifically in “O gato e o escuro”, a work illustrated by Danuta Wojciechowska and published in 2001 by Editorial Caminho. We initially sought to briefly present what process criticism consists of and, from there, identify the “nodes” in Mia Couto's creation network. Subsequently, from the reading of the selected work, we explain how such “nodes” are evident in it, in verbal and visual terms. It is observed that, constructed with mastery and depth, the book demonstrates how a good literary work transcends supposed age barriers and enriches the repertoire of any reader.



Furthermore, it demonstrates how a work can address complex themes in an accessible manner for children, establishing a deep dialogue with them while also resonating with adults.

Keywords: Children's literature. Process criticism. Creative process.

Introdução

Nascido em 1955, Mia Couto é um biólogo e escritor moçambicano. Filho de imigrantes portugueses que fugiram do regime ditatorial de Salazar, Couto cresceu em meio à Guerra de Independência de Moçambique (1964-1974) e à Guerra Civil Moçambicana (1977-1992), em um país bastante marcado pela miséria, pela instabilidade política e pela violência. Ao mesmo tempo, a literatura sempre esteve muito presente em seu ambiente familiar, e seu início na escrita se deu ainda cedo, através da poesia. Os contextos sociais e políticos extremos que Couto vivenciou marcaram suas obras de forma profunda e duradoura, assim como fortes elementos da oralidade africana e da música, e outras influências.

Dentre os gêneros literários explorados pelo autor, destacam-se a poesia e o romance. A poesia, pois foi através dela que Couto adquiriu o hábito da escrita e iniciou seu ativismo político. Ainda na adolescência, seus primeiros poemas foram veiculados em um jornal local, o “Notícias da Beira”. Eles deram certa visibilidade a Couto por representarem uma forma de resistência ao colonialismo português. Ademais, o primeiro livro publicado do autor, “Raiz de orvalho”, em 1983, é também uma obra de poemas. Contudo, foi um romance que concedeu fama e notoriedade internacional a Couto, o consagrado “Terra sonâmbula” (1992), que marcou o fim da Guerra Civil Moçambicana ao contar a história de civis em meio aos horrores do conflito e definiu o estilo de escrita que se tornou a marca registrada do autor: uma prosa ativista, notavelmente moçambicana e, ao mesmo tempo, repleta de poesia e de elementos fantásticos. É o processo de construção dessa prosa, o qual se revela como um território em que diferentes gêneros e temas se (con)fundem, que passamos a abordar.

Metodologia: crítica de processo e a escrita literária de Mia Couto

Um pressuposto muito comum em relação ao processo criativo é o de que a criação se dá de forma espontânea, a partir de um poderoso *insight*, e que um seleto grupo de indivíduos, frequentemente rotulados como “gênios”, são mais suscetíveis às grandes ideias. Entretanto, a crítica de processo, um campo teórico-metodológico com origem na crítica genética e que utiliza os conceitos-base da semiótica peirceana, coloca em xeque essas asserções ao mapear o histórico da feitura de uma determinada obra ou ao analisar os processos de um autor. As conclusões são sempre as mesmas: a criação é um trabalho, um



processo de experimentação sem um final predeterminado, no qual tanto a obra quanto o criador são fortemente influenciados por interações com o ambiente e com o acaso.

Em solo brasileiro, a pesquisadora Cecilia Salles é a grande responsável por estabelecer a crítica de processo, que possui um caráter e aplicações muito mais gerais do que a crítica genética, sendo esta voltada apenas a textos e ao estudo de seus manuscritos, enquanto a primeira pode ser utilizada para analisar obras de qualquer materialidade, através de registros de diversas naturezas. Há inclusive a possibilidade de se estudar entrevistas com o autor, o que foi imprescindível para a confecção do presente artigo. De forma abrangente, em “Redes da criação” (2006), Salles define o processo criativo como “um movimento com tendências, suscetível ao acaso, na busca pela construção de uma verdade poética” (p.11). A criação é movimento no sentido de ser um trabalho que está inserido no tempo e no espaço. Possui tendências porque o artista — ou, de maneira mais ampla, o agente criativo — anseia por algo quando inicia esse movimento. A obra é sempre mais uma tentativa de saciar seu grande projeto poético. Cabe à crítica de processo tanto buscar entender quais são as tais tendências do artista, ou seja, o que ele pretende com suas obras, quanto quais são seus modos de ação.

No mesmo livro, Salles também estabelece que, em qualquer empreendimento criativo, é possível observar uma vastidão de pontos de partida e de interação, e possibilidades de pontos-finais. É dessa abordagem que advém a metáfora de uma rede de criação, pois, na feitura de uma obra, não há um caminho retilíneo, com começo, meio e fim preestabelecidos. Em vez disso, há uma complexa teia de pontos interconectados, cuja materialização é uma seleção dentre infinitas possibilidades. As recorrências no processo criativo de um autor, suas tendências, são os “nós” que compõem sua rede de criação e que se manifestam em suas obras, independentemente de suas especificidades. São justamente alguns “nós” da rede de criação de Mia Couto que serão, então, explorados neste estudo.

O processo criativo de Mia Couto

Em uma palestra concedida a alunos e professores da Etec Santa Ifigênia, em São Paulo, Mia Couto relatou que o impulso motriz de sua escrita é a necessidade de se expressar e de se conectar com o outro, advindas de seu gênio naturalmente silencioso e retraído. Ademais, suas histórias partem da escuta e da observação do outro. Muitas vezes, tendo como um de seus pontos de partida a concepção de um personagem e a consequente busca por desenvolver narrativas que explorem seu potencial. Na mesma fala, o autor ainda



menção o desejo de resgatar um olhar infantil em relação ao mundo, no qual há uma curiosidade destemida acerca do desconhecido (ALMEIDA, 2019).

Definida a motivação inicial de seu processo criativo na escrita, é preciso estabelecer quais são as tendências que o singularizam, ou seja, justamente quais são os “nós” que compõem a rede de criação de Mia Couto. Bianca Bratkowski, em um artigo de 2014 para a revista “Nau Literária”, pontua as seguintes características recorrentes nas obras de Couto: a poesia e o uso inovador da língua, os elementos naturais e sobrenaturais de Moçambique, e o contexto colonial e pós-colonial do país. As primeiras mais ligadas à forma das obras e as últimas, ao conteúdo.

a. Poesia e uso inovador da língua

Antes de ser um escritor de prosa, Mia Couto se dedicou à poesia. Como mencionado, seu primeiro livro publicado é “Raiz de orvalho” (1983), uma obra de poemas. Esse vínculo nunca se desfez, dotando seus romances de uma linguagem poética e de um verdadeiro hibridismo de gêneros: prosa e poesia. Sobre suas influências literárias, Couto cita de maneira recorrente os nomes de Luandino Vieira e de Guimarães Rosa. Dois grandes autores, um angolano e outro brasileiro, que têm como característica a constante experimentação com a língua portuguesa. Foram eles que pavimentaram um caminho para que Mia Couto se permitisse transgredir as normas impostas pela língua (MESQUITA, 2019). Sobre esse aspecto, é importante destacar as influências de agentes externos em suas obras.

Ademais, Couto gosta de se nutrir de referências ligadas à música e à composição, admitindo uma forte inspiração advinda da música popular brasileira, com destaque aos compositores Dorival Caymmi (CARDOSO, 2022), Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e Milton Nascimento (BRATKOWSKI, 2014). A representação da oralidade e a presença de vocábulos africanos também são muito fortes na obra do autor. Para ele, a separação entre a palavra escrita e a falada é artificial. Couto também acredita que a concepção de uma hierarquia entre elas, que privilegia a escrita, deve ser rompida. Segundo o escritor: “Eu comecei por escutar, ainda hoje escrevo porque escuto. Essa dificuldade de nos apagarmos para ouvir realmente o outro, não só a palavra, mas o silêncio do outro, o corpo, as pausas, esse é o segredo” (apud ALMEIDA, 2019).

A confluência entre música, poesia e oralidade permeiam as obras do autor resultando em textos repletos de neologismos e aliteraões. Cada sentença é trabalhada à exaustão, na busca por uma verdade poética em que a expressividade e o mundo sensível se sobrepõem às regras gramaticais do português padrão. O próprio Mia Couto pondera: “Escrevo todos os



dias, mesmo que eu não esteja em um momento criativo. E sempre reescrevo — todo escritor é um reescritor” (apud ALMEIDA, 2019). A partir desse “preciosismo experimental”, uma verdadeira lapidação da forma de sua escrita, seus textos assumem o corpo de uma trama intrincada e inovadora, muito característica da obra miacoutiana.

b. Elementos naturais e sobrenaturais de Moçambique

De acordo com Vincent Colapietro, em seu trabalho “Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas” (2016), o sujeito é intrinsecamente situado espacial, temporal e historicamente, portanto, para compreender seu processo criativo, torna-se essencial deslocar o foco dele para o seu entorno. No caso de Mia Couto, é notável a presença marcante da natureza moçambicana em seus romances. Com frequência, animais, plantas e até o próprio mar assumem o papel de metáforas para as situações complexas vivenciadas pelos protagonistas. Em “Terra sonâmbula”, por exemplo, a imagem de uma baleia encalhada sendo desmembrada por humanos representa Moçambique em guerra (COUTO, 1992, p. 11). Em outros momentos, a natureza passa a simbolizar a própria personagem, como é o caso de Kindzu, cujo nome deriva das pequenas palmeiras que crescem enraizadas junto à costa do mar (COUTO, 1992, p. 6).

No entanto, na obra de Couto, não é apenas a natureza em si que desempenha um papel proeminente, mas também a profunda relação entre a cultura moçambicana e o seu ambiente natural. Como o autor afirma, na África, “o mar, as montanhas e as plantas têm alma” (apud CARDOSO, 2022). Nas histórias de Mia Couto, o natural e o sobrenatural se entrelaçam de forma sofisticada, criando a sensação de que são inseparáveis. Seja através de árvores que mudam de lugar durante a noite ou do mar que seca repentinamente, há uma interação intensa e expressiva entre o ambiente e as personagens. Para o leitor ocidental, paira um mistério no ar e, muitas vezes, a sanidade dos protagonistas é questionada. Todavia, para o autor, essa coexistência é natural para aqueles que cresceram em meio às tradições culturais africanas. Os elementos sobrenaturais evocam o folclore, a mitologia e a rica cultura de Moçambique.

c. Contexto colonial e pós-colonial moçambicano

Para além da natureza e da cultura, Moçambique também é palco de muitos conflitos pós-coloniais. Como mencionado, durante a juventude, Mia Couto vivenciou momentos de grande agitação política em seu país. Foi através da literatura que ele iniciou seu ativismo.



Ainda muito jovem, seus poemas publicados no jornal “Notícias da Beira” abriram as portas para seu envolvimento com a Frente de Libertação de Moçambique, conhecida como Frelimo, partido que lutou pela independência do país e assumiu o poder em 1975 (ALMEIDA, 2019). A Frelimo, que se posiciona como antirracista e de orientação socialista, sofreu forte oposição de parte da população. Com o apoio dos governos da África do Sul e da Rodésia, atual Zimbábue, os opositores fundaram a Resistência Nacional Moçambicana, partido conhecido como Renamo, desencadeando assim a sangrenta Guerra Civil de Moçambique.

Os romances miacoutianos são tão influenciados pelo contexto político de Moçambique que esses processos históricos estão no cerne de suas narrativas. Por exemplo, é no contexto da guerra civil, sob a perspectiva de cidadãos comuns, que se desenrola a trama de “Terra sonâmbula”. Da mesma forma, é em meio à Independência de Moçambique que o autor ambienta seu livro de 1999, “Vinte e zinco”, lançado em comemoração aos 25 anos de independência do país. Mais do que retratar a história moçambicana, Couto tem como projeto contribuir para a construção de uma identidade nacional através da literatura. Uma escrita que valoriza as idiossincrasias do país, sua história e a população comum (BRATKOWSKI, 2014). Para o autor, a política é indissociável de seus textos, sendo, em grande parte, o propósito que o leva a escrever. Sob a ótica da crítica de processo, é possível dizer que o desejo operativo de Mia Couto, ou seja, sua motivação e desafio de materializar uma obra, advém, principalmente, de seu ativismo político e de sua busca incessante por retratar uma nação enquanto contribui para a construção dela.

“O gato e o escuro”: a rede de criação de Mia Couto na literatura infantil

Como o próprio título sugere, “O gato e o escuro” trata da história de um gato curioso e desobediente, que busca se aventurar pelo escuro. Chamado Pintalgato, o protagonista é de uma pelagem amarela e malhada, a mesma cor de sua mãe. O gatinho gosta de passear pelo pôr do sol, mesmo desaconselhado por ela, que teme que o filho passe para além do poente. Ele finge obediência, mas decide mergulhar no breu de qualquer maneira. Nesse momento, o protagonista se vê transformado em um gato preto e se assusta por não enxergar mais seu entorno e nem saber como voltar para a luz.

Pintalgato passa então a chorar e logo é acompanhado pelo próprio escuro, que nada enxerga e é temido por todos. Então, a mãe gato aparece, ampara o escuro e o adota como filho, deixando claro que não há o que se temer sobre ele, que ele faz parte de cada ser. O gatinho acorda e acredita que tudo não passara de um sonho, mas percebe algo diferente no olhar da mãe. Quando ela fita o escuro, suas pupilas crescem até seus olhos serem



preenchidos por ele. Ao olhar mais de perto, Pintalgato percebe que o escuro está lá, nas pupilas da mãe, na forma de um gato preto.

Como é possível perceber apenas por essa breve síntese do livro, ao contrário do que se possa acreditar sobre uma obra classificada como “infantil”, ele consegue ser denso e trazer várias leituras possíveis. Em um texto curto e metafórico, Couto ainda exerce toda a sua potência poética e apresenta mais uma materialização de sua rede de criação, como agora observaremos.

Aparentemente, “O gato e o escuro” é um conto de fadas (JONES, 1995, p. 8) sobre o medo e foge por completo da produção de Mia Couto até o momento em que foi escrito. Afinal, anteriormente, o autor havia se dedicado ou à escrita de poemas, ou à criação de romances ambientados na realidade africana contemporânea. Contudo, um olhar mais atento é capaz de perceber uma série de recorrências não apenas entre suas obras “para adultos”, mas também entre elas e sua primeira obra infantil. Para fins didáticos, foram retomados os “nós” da rede de criação já nomeados.

No que se refere à poesia e ao uso inovador da língua, observamos que em um texto enxuto, de apenas 24 páginas, todos os recursos estilísticos de Mia Couto e seus rompimentos com a língua se fazem ainda mais presentes. É como se sua constante reescrita pudesse ser exercida de forma concentrada, resultando em uma prosa até mais intrincada e próxima da poesia. Por exemplo, em “[...] os pés felpudos pisassem o poente” (COUTO, 2001, p. 6) e “namoriscando o proibido, seus olhos pirlampiscavam” (COUTO, 2001, p. 8), há neologismo e aliterações aplicados em frases breves, fantasiosas e metafóricas. Longe de ser descritivo, “O gato e o escuro” é um texto econômico, lapidado, expressivo e imagético.

A narrativa emprega diversos neologismos, começando pelo nome do protagonista, “Pintalgato”, uma aglutinação que alude à sua pelagem malhada. Ao longo do conto, termos como “arco-iriscando”, “ataratonto” e “estremolhado” surgem como maneiras concisas e expressivas de delinear as vivências e emoções das personagens de forma específica e singular para o leitor.

O conto de fadas ressoa em elementos presentes em alguns dos poemas mais conhecidos de Couto, como em “Identidade”, em que o autor versa: “Preciso ser um outro/ para ser eu mesmo (COUTO, 1999)”, e em “Para ti”, no qual, além de mencionar a noite e a escuridão, pontua: “[...] ficávamos nos olhos/ vivendo de um só” (COUTO, 1999). As metáforas utilizadas em “O gato e o escuro” parecem ser preexistentes na mente do autor, pequenos “nós” em sua rede de criação, como se a escrita infantil fosse uma narrativa construída sobre essas mesmas bases.



Por fim, a própria estrutura do texto contribui para a atmosfera poética do livro. O ritmo empregado na construção de frases e parágrafos assemelha-se à cadência de versos e estrofes. Além disso, eles estão dispostos de maneiras diversas em cada página, como em um poema concreto, em contraste com a tradicional mancha de texto regular, habitual da prosa — forma essa que persiste mesmo nos intrincados romances miacoutianos.

No tocante aos elementos naturais e sobrenaturais de Moçambique, nota-se que não há sequer um humano ou elemento inorgânico presente no livro. Em contrapartida, em relação à natureza e ao sobrenatural de Moçambique, há o protagonismo dos felinos e também de fenômenos naturais, como a luz, a sombra, o alvorecer, o anoitecer e o arco-íris. O claro e o escuro se dispõem sobre a narrativa como fortes metáforas para o “Aqui” e o “Além”; o “Conhecido” e o “Desconhecido”; e o “Eu” e o “Outro”. O poente é o muro que segrega e divide, já o arco-íris representa a comunhão entre o gato e o escuro, promovida pela mãe gato. Todos esses elementos entram em confluência com a cosmogonia africana sempre mencionada por Couto em entrevistas.

É notável também a passagem em que Pintalgato volta para casa depois de seu primeiro contato com o escuro. Nos trechos “Escondeu-se num canto, mais enrolado do que o pangolim” (COUTO, 2001, p. 10) e “O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita, enroscado como um congolote” (COUTO, 1992, p. 4), o primeiro de “O gato e o escuro” e o último de “Terra Sonâmbula”, a mesma cena se repete, a do jovem protagonista que, com medo, enrola-se em si mesmo. Nos dois casos, o autor optou por compará-los a animais da fauna local, o pangolim e o congolote, reforçando a identidade africana do texto.

Quanto ao contexto colonial e pós-colonial de Moçambique, engana-se quem crê que “O gato e o escuro” deixa de conter tal temática. Como elucidado no artigo “Leituras de ‘O gato e o escuro’” (GARCÍA E SILVA, 2013), a escolha de um gato como protagonista faz menção ao próprio autor, cujo apelido desde a infância — “Mia” — é inspirado pelos felinos que seus pais alimentavam na frente de casa (COLOMBO, 2014). O fato de se tratar especificamente de um gato malhado é um aceno para a condição de Mia Couto como um cidadão africano branco, um ser híbrido, entre etnias e culturas, na busca por estabelecer uma relação com o “Outro”, para compreender e construir a si próprio. É possível dizer que essa busca não é exclusiva do escritor, mas de todos os seus conterrâneos que almejam construir uma identidade verdadeiramente moçambicana.

A própria condição do escuro como algo que gera temor pode ser lida como uma metáfora sobre o racismo e o preconceito. Pintalgato, ao passar a enxergar o escuro como seu irmão, ou como um reflexo de si mesmo, estaria em direta confluência com a busca de Mia Couto e da própria Frelimo pela construção de uma nação mais igualitária e sem



distinções étnicas. O gato que se abre para o desconhecido volta transformado, simbolizando a superação das barreiras impostas pela intolerância racial.

Para a crítica de processo, a ação do acaso também assume um papel importante na construção de uma obra. No caso de “O gato e o escuro”, ele se manifesta de maneira palpável, pois, não fosse uma intervenção da editora, o livro jamais teria sido lançado —nem as subsequentes produções de Couto voltadas ao público infantil.

Em uma entrevista concedida à Câmara Municipal de Póvoa de Varzim, cidade de Portugal, Mia Couto revelou os bastidores da criação de seu primeiro livro infantil, atribuindo sua existência às ilustrações de Danuta Wojciechowska. Essas imagens foram encomendadas pela editora, sem o conhecimento prévio do autor, para ilustrar “O gato e o escuro”. Inicialmente, o texto fora concebido como um simples conto destinado a ser veiculado em uma revista, sem qualquer gravura e nem o intuito de alcançar o público infantil. Nas palavras do próprio autor:

Como pensava que nunca escreveria nada para crianças, mandei o conto para uma revista que nunca o publicou. Um dia, a Caminho pregou-me uma partida: mostrou-me as ilustrações da Danuta e depois o aspecto profissional do texto juntamente com as ilustrações (COUTO, 2008).

Dado que a obra se tornou um livro ricamente ilustrado, que não viria a existir sem a presença das gravuras, parte desta análise precisa também se aprofundar nas ilustrações da publicação original portuguesa de 2001, e examinar como elas interagem com o texto de Couto. Afinal, as figuras não apenas complementam, mas multiplicam as possíveis interpretações do texto.

A capa, em especial, é um bom ponto de partida. O fundo é dividido ao meio por uma diagonal arredondada, que remete à linha do horizonte. A parte superior, azul-escura, contrasta com a inferior, de um laranja queimado. O céu e a terra. No céu, à direita, é possível vislumbrar olhos amarelos cujas pupilas verticais se fundem com o escuro. Da esquerda para a direita, o protagonista aparece duplicado, “voando” para uma fenda preta, ou seja, em direção ao escuro. Em sua primeira versão, ele aparece como um gato menor e amarelo iluminado. Na segunda, ele está alado e mais alaranjado, com o rosto e as patas dianteiras se azulando ao adentrar na fenda. A forma duplicada imprime movimento e transformação. Nas duas versões, Pintalgato possui pintas na forma de olhos azul-acinzentados.

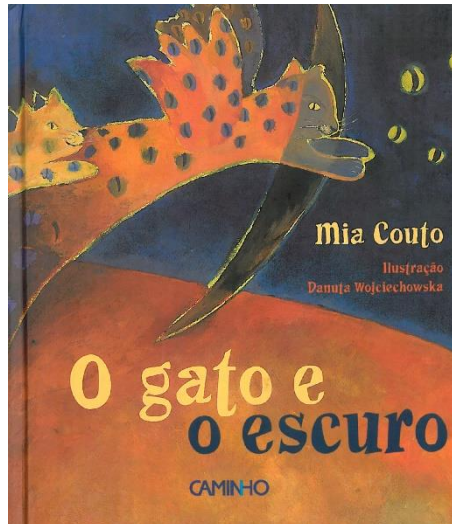
Aparentemente, Wojciechowska utiliza meios tradicionais para executar suas pinturas e, em vez de cores sólidas, como é mais comum em artes digitais, suas cores se entrelaçam. Há tons mais quentes e mais frios compondo cada uma das ilustrações, sem linhas de



contorno, estabelecendo, assim, uma relação entre a luz e a escuridão, no lugar de simplesmente separá-las.

O título do livro segue a mesma paleta cromática, utilizando amarelo para se referir ao gato e azul para representar o escuro. É uma capa que abarca e sintetiza o cerne da narrativa, convidando os leitores a explorarem as metáforas que permeiam a história.

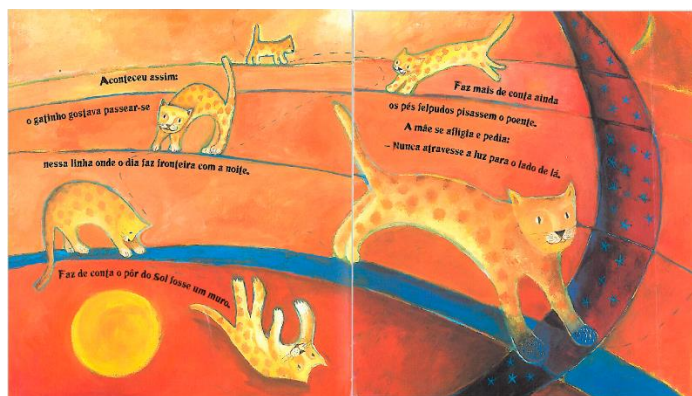
Figura 1 – Capa do livro “O gato e o escuro”



Fonte: COUTO, 2001.

Na dupla abaixo, mais uma vez, Wojciechowska utiliza o recurso de multiplicar a figura da personagem para imprimir dinamismo. A imagem e o texto estabelecem o crepúsculo como um muro que separa o dia e a noite, onde Pintalgato gosta de explorar e brincar. Sua curiosidade o leva cada vez mais próximo do escuro, representado como uma fenda em meia-lua, ou, no contexto do livro, a pupila de um gato. A fenda é preenchida por estrelas, que reforçam a ideia de noite e de que, mesmo na escuridão, há outras formas de luz. Ao pisar no poente, os pés felpudos do gatinho estão azuis e sem as características pintas, o que já é um prelúdio de sua futura transformação. O Sol, representado por um círculo amarelo no canto inferior esquerdo da ilustração, está em oposição à Lua, colocada na diagonal oposta. Os dois estão separados pela fenda do escuro. Por fim, o texto é disposto de forma lúdica e arredondada, acompanhando os espaços negativos dispostos entre o gato e o muro do poente.

Figura 2 – Ilustração com Pintalgato brincando no poente

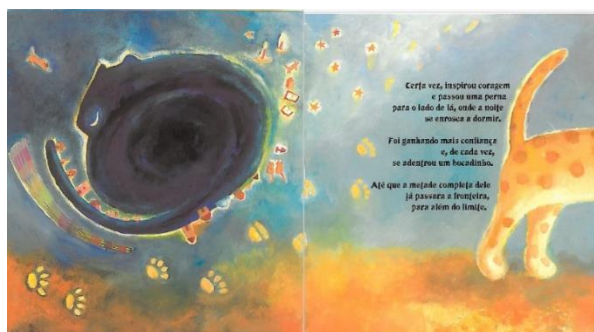


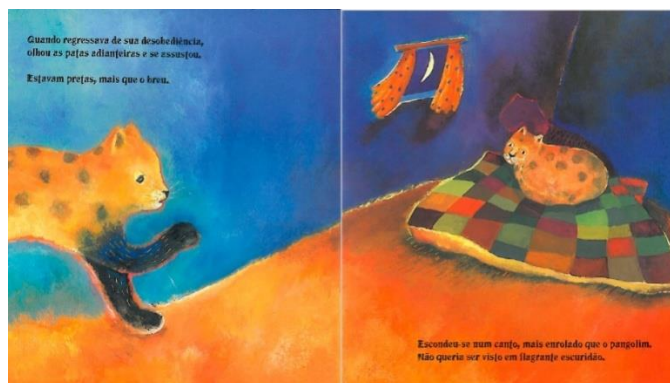
Fonte: COUTO, 2001.

Na ilustração seguinte, à esquerda, pela primeira vez, o escuro é retratado na forma de um gato preto. Ele está dormindo enroscado em si mesmo e a Lua forma seu olho fechado. Alguns símbolos, como estrelas, velas, livros e pequenas casas circundam o escuro. Pintalgato está caminhando em direção a ele e há patinhas amarelas que passeiam pela imagem. Essa parte da ilustração tem um aspecto diferente, mais onírico e simbólico do que as demais. Possivelmente, retratando a própria imaginação e o desejo do protagonista.

Na sequência, a ilustração está dividida em duas partes. Ainda nessa dupla, é possível ver apenas a metade traseira do corpo do felino, omitindo as patas que mergulharam no escuro e criando uma atmosfera de suspense em relação à transformação vivenciada por ele: consequências de sua travessura. Na dupla seguinte, à esquerda, vê-se Pintalgato perplexo com suas patas mais escuras do que o breu. Na página ao lado, ele está de volta em casa, disfarçando para a mãe a traquinagem que cometeu. Mas a janela aberta, com a Lua iluminando o escuro, não o deixa se esquecer de seu contato com ele. Mesmo sendo uma cena interna, Wojciechowska repete a paleta cromática e os temas da meia-lua, e até a cortina possui pintas como as do protagonista.

Figuras 3 e 4 – Ilustrações da primeira interação do protagonista com o escuro





Fonte: COUTO, 2001.

Posteriormente na obra, a mãe gato reaparece em uma cena comovente, na qual ela acaricia, consola e adota o escuro. Este, por sua vez, retoma a forma da silhueta de um gato preto, porém agora irradia todas as cores do arco-íris de seu interior. Dessa vez, no lugar da transformação de quem ousa mergulhar nas sombras, essa modificação ocorre dentro do próprio escuro, conforme pontuado pela gata: “[...] nesse escuro só mora quem lá inventamos” (COUTO, 2001, p. 16). Portanto, para Couto, ao ser tratado com afeto em vez de medo, o escuro se desdobra em belas e infinitas possibilidades.

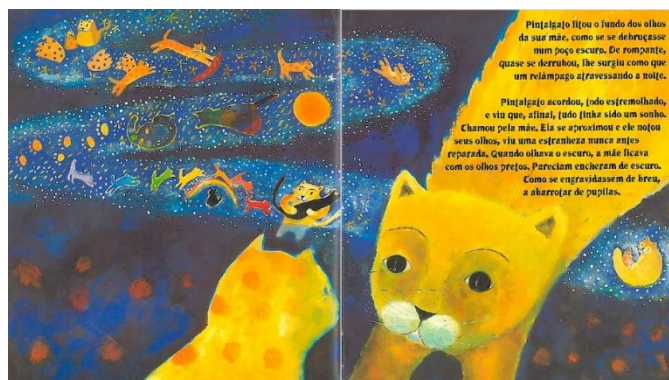
Figura 5 – Ilustração da mãe gato consolando o escuro



Fonte: COUTO, 2001.

Na imagem a seguir, ao fitar os olhos da mãe, Pintalgato enxerga seu novo irmão, o escuro, residindo dentro das pupilas dela, que estão notadamente dilatadas. Ao redor da cena, a gravura retoma a atmosfera onírica que se fez presente quando o felino decidiu se aventurar nas sombras pela primeira vez. Pequenos desenhos recontam toda a narrativa, desde a desobediência — simbolizada por asas — até o momento de transformação, tanto do filhote quanto do escuro, culminando no reencontro de Pintalgato com a mãe. Surge, assim, a incerteza para o leitor: na diegese do livro, aqueles eventos foram reais ou apenas fruto de um sonho pueril do protagonista?

Figura 6 – Pintalgato vê o escuro nos olhos de sua mãe



Fonte: COUTO, 2001.

Como é possível observar pela análise das figuras, assim como o texto de Couto, as ilustrações criadas por Wojciechowska, apesar de amigáveis para o público infantil, são densas, repletas de significado e ricas em detalhes.

Considerações finais

A rede de criação de Mia Couto é muito marcada pelo contexto histórico de Moçambique, onde ele cresceu na condição específica de uma pessoa branca de olhos azuis, filho de portugueses. No entanto, lá ele se envolveu com a luta da população pela independência do país em relação a Portugal. Posteriormente, ainda presenciou os horrores da Guerra Civil e o embate entre ideologias com visões diferentes para o futuro de Moçambique. Como consequência, as obras do autor são dotadas, concomitantemente, de crítica social e de um hibridismo cultural das diversas populações que compõem o país.

Além do contexto social, político e cultural moçambicanos, Couto teve um letramento literário e musical precoce, debruçando-se ainda muito jovem sobre a escrita de poemas. Suas referências artísticas, sejam na música ou na literatura, o influenciaram a romper com as normas da língua portuguesa e se aventurar em experimentações em que a expressividade se sobrepõe enquanto critério norteador. Como consequência, suas obras são marcadas pela oralidade e pela musicalidade, além de permeadas por neologismos e aliteraões. As inovações de Couto vão além da língua, e a própria realidade se vê entrelaçada por elementos fantásticos que espelham e engrandecem as vivências de seus personagens.

O presente artigo tem como objetivo, através de uma leitura aprofundada e embasada na crítica de processo, analisar se “O gato e o escuro”, o primeiro livro infantil de Mia Couto, preserva as mesmas características e profundidade que singularizam seus poemas e romances. Através da metáfora de uma rede de criação, essas características foram agrupadas em três “nós” que compõem a trama da rede do autor: “poesia e uso inovador da



língua”, “elementos naturais e sobrenaturais de Moçambique” e “contexto colonial e pós-colonial moçambicano”.

A análise feita corrobora com a hipótese de que esses “nós” também se fazem presentes em “O gato e o escuro”. Mais do que isso, apesar de classificada como uma obra infantil, ela não mostra uma redução da complexidade da rede de criação de Couto, mas seu adensamento. Como uma cama de gato que se desdobra em uma multiplicidade de formas através de uma única matriz, os mesmos “nós” manifestados nos romances e nos poemas do autor se mostram ainda mais próximos e interconectados neste conto de fadas moderno. De uma maneira sensível, Mia Couto escreveu, para crianças e adultos, sobre a busca por identidade, o reconhecimento do “Outro” e como o questionamento, e até mesmo a desobediência, podem ser um movimento positivo em direção ao futuro.

Referências

ALMEIDA, Marina. Mia Couto: contar histórias para tomar posse do mundo. **Escrevendo o futuro**, São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-emq-movimento/mia-couto-contar-historias-para-tomar-posse-do-mundo/>. Acesso: 14 set. 2023.

BRATKOWSKI, Bianca Rodrigues. Mia Couto e sua maneira de emendar, apagar e enfeitar a vida através da literatura. **Nau Literária**, [s. l.], v. 10, n. 1, 2014. DOI: 10.22456/1981-4526.46921. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/46921>. Acesso em: 14 set. 2023.

CARDOSO, Isabel. Mia Couto é movido por histórias e fala de processo criativo. **Meio Norte**, Teresina, 5 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.meionorte.com/entretenimento/mia-couto-e-movido-por-historias-e-fala-de-processo-criativo-447258>. Acesso em: 14 set. 2023.

COLAPIETRO, Vincent. Os locais da criatividade: sujeitos fissurados, práticas entrelaçadas. In: PINHEIRO, Amálio; SALLES, Cecília (Org.). **Jornalismo expandido**. São Paulo: Intermeios, 2016.

COLOMBO, Sylvia. Vida de monarca africano inspira livro de Mia Couto. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2 set. 2014. Ilustrada, p. E8.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. Alfragide: Editorial Caminho, 1992.

COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COUTO, Mia. **O gato e o escuro**. Ilustrado por Danuta Wojciechowska. Alfragide: Editorial Caminho, 2001.

COUTO, Mia. Entrevista concedida à Corrente d'Escritas. **Póvoa de Varzim: Câmara Municipal**, Póvoa de Varzim, 2008. Disponível em: <https://www.cm-pvarzim.pt/territorio/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d->



[escritas/correntes-d-escritas-2008/entrevistas-aos-escritores/entrevista-a-mia-couto/](#). Acesso em: 10 jan. 2023.

GARCÍA, Flavio; SILVA, Luciana M. Leitura(s) de O gato e o escuro, de Mia Couto. **Nau Literária**, [s. l.], v. 9, n. 1, 2013. DOI: 10.22456/1981-4526.38948. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/38948>. Acesso em: 27 set. 2023.

JONES, Stephen. **The fairy tale**: the magic mirror of imagination. Nova York: Twayne Publishers, 1995.

MESQUITA, Mariana. Riqueza na oralidade: Mia Couto conta como foi influenciado pela escrita de Guimarães Rosa. **Folha de Pernambuco**, Recife, 14 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/riqueza-na-oralidade-mia-couto-counta-como-foi-influenciado-pela-escrit/101845/>. Acesso em: 27 set. 2023.

SALLES, Cecília. **Redes da criação**: construção da obra de arte. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

Recebido em: 28/03/2024

Aceito em: 10/06/2024